



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

DEISE DE ARAUJO BARBOSA

**A AQUISIÇÃO DO INGLÊS EM CRIANÇAS AUTISTAS COM HIPERFOCO EM
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**CAMPINA GRANDE, PB.
2022**

DEISE DE ARAUJO BARBOSA

**A AQUISIÇÃO DO INGLÊS EM CRIANÇAS AUTISTAS COM HIPERFOCO EM
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras - Inglês.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Gomes de Araújo Nóbrega.

**CAMPINA GRANDE, PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B239a Barbosa, Deise de Araujo.
A aquisição do inglês em crianças autistas com hiperfoco em línguas estrangeiras [manuscrito] / Deise de Araujo Barbosa. - 2022.
21 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Daniela Gomes de Araújo Nóbrega, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Autismo. 2. Língua inglesa. 3. Aquisição da linguagem.
I. Título

21. ed. CDD 371.9

DEISE DE ARAUJO BARBOSA

AQUISIÇÃO DO INGLÊS EM CRIANÇAS AUTISTAS COM HIPERFOCO EM
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduação em Letras - Inglês.

Área de concentração: Linguística
Aplicada.

Aprovada em 25/7/2022

BANCA EXAMINADORA

Daniela Anábrega 9,0
Prof. Dra. Daniela Gomes de Araujo Nobrega (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jéssica Thaiany Silva Neves 9,0
Prof. Me. Jéssica Thaiany Silva Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Karyne Soares Duarte Silveira 9,0
Profa. Dra. Karyne Soares Duarte Silveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

total: 9,0

Agradeço a minha mãe por todo esforço, dedicação e apoio durante toda a minha trajetória acadêmica. Este trabalho é dedicado a ela.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA PELA PERSPECTIVA PIAGETIANA	6
3 O SOCIOINTERACIONISMO DE VYGOTSKY E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO	8
4 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: TEORIAS DE PIAGET E VYGOTSKY	9
5 O AUTISMO	11
5.1 O HIPERFOCO NO AUTISMO	13
5.2 O AUTISMO E O HIPERFOCO EM INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	14
6 APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DA CRIANÇA AUTISTA	15
7 CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS	17

A AQUISIÇÃO DO INGLÊS EM CRIANÇAS AUTISTAS COM HIPERFOCO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

ENGLISH ACQUISITION IN AUTISTIC CHILDREN WITH HYPERFOCUS IN FOREIGN LANGUAGE

Deise de Araujo Barbosa

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal, de forma geral, apresentar como se processa a aquisição de língua estrangeira, sendo esta, aqui, a inglesa, para uma criança autista. Para esta compreensão, portanto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, serão apresentadas as principais características do Transtorno do Espectro Autista (TEA), trazendo definições e aspectos necessários apresentados nessas crianças, como o hiperfoco em línguas estrangeiras que ajudam a facilitar esse processo de aquisição. Juntamente a estas características, se faz necessário que se apresente teorias de desenvolvimento cognitivo, apresentadas por Piaget e Vygotsky, que servirão como auxiliares fundamentais para o alcance do objetivo geral por mostrarem, cada uma seguindo suas perspectivas (por serem contrárias), as fases de desenvolvimento do indivíduo nos seus anos iniciais e/ou como a criança passa de um estágio para o outro na evolução cognitiva. Como consequência, este artigo poderá servir, ainda, como um meio para refletir sobre o autismo e as suas possibilidades reais, como aqui exemplificada pela aquisição da língua inglesa (LI) de uma criança que tem autismo.

Palavras-chave: Autismo. Aquisição da linguagem. Inglês.

ABSTRACT

This article aims, in general, to present how the acquisition of a foreign language process, this being here the English one, for an autistic child. For this understanding, therefore, through bibliographic research, the main features about Autism Spectrum Disorder (ASD) will be presented, bringing definitions and necessary aspects presented in these children, such as the hyperfocus on foreign languages, that help them in this acquisition process. Together with these characteristics, it is needful to present the cognitive development theories, developed by Piaget and Vygotsky, which will provide as an essential aid to reach the main objective, once they show, each one following their own perspectives (because they are opposite), the stages of development of a person in his/her initial years of life as well as a child passes from one stage to another in cognitive evolution. As a consequence, this article can also serve as a means to reflect about autism and its real possibilities, as exemplified here by the English language acquisition by a child who has autism.

Keywords: Autism. Language acquisition. English.

1 INTRODUÇÃO

O autismo ou transtorno do espectro autista (TEA) é considerado um distúrbio de desenvolvimento e apresenta diferentes níveis, podendo, em alguns casos, onde tem-se um grau mais elevado, comprometer e afetar algumas características do indivíduo, como o ato de interagir em meio à sociedade, o seu modo de se comportar ou até mesmo na sua comunicação. Porém, existe no autismo um estado de concentração intensa, chamado hiperfoco que, embora possa trazer consequências negativas para a criança, pode, também, possibilitá-la se desenvolver de uma forma mais fácil e rápida em determinada área onde se encontra a sua hiperconcentração.

A neuropediatra Deborah Kerches, especialista em TEA, alega que o hiperfoco, quando analisado e trabalhado de forma apropriada na criança, possibilita desenvolver habilidades que poderão beneficiá-la. Para exemplificar, Kerches afirma que muitos educadores utilizam este aspecto a favor da criança, justificando que se explorado corretamente, essa característica cognitiva poderá ajudá-la na aquisição de novos aprendizados (KERCHES, 2019).

Diante disso, o hiperfoco na criança autista em língua inglesa (LI), por exemplo, pode facilitar a compreensão desta língua estrangeira no seu processo de ensino e aprendizagem que, para isso, se faz necessário a utilização de métodos que facilite e torne a aquisição do inglês, para estas crianças, uma tarefa simples e dinâmica. Esse hiperfoco no inglês, por fazer com que o aluno mantenha sua concentração máxima em tudo que diz respeito à língua durante esse processo, poderá fazer com que o aluno absorva os conteúdos de forma mais rápida e, por isso, torna-se um aliado na hora de aprender.

Com base na explicação sobre a relevância do aspecto hiperfoco na aprendizagem de línguas para crianças autistas, a atual pesquisa tem como objetivo geral discutir como funciona o processo de aprendizagem da LI nestas crianças. Como objetivos específicos, pretende-se analisar as principais características do TEA e mostrar como a hiperconcentração no TEA pode servir como um aspecto facilitador na hora da aprendizagem. Além disso, mostra-se necessário apontar como o desenvolvimento da mente de crianças processa enquanto se aprende. Além disto, tem-se como intenção incentivar uma aproximação maior com o contexto de crianças autistas.

Sendo esse trabalho, portanto, uma revisão de literatura sobre o processo de aprendizagem em LI em crianças autistas com hiperfoco, esse estudo está dividido da seguinte forma: primeiro, são apresentadas explicações sobre o desenvolvimento cognitivo fundamentado pelas teorias de Piaget e Vygotsky, mostrando, por conseguinte, suas influências no processo de aquisição da linguagem; segundo, são descritas e as ideias gerais do autismo e o hiperfoco; e, por fim, é discutido o processo de aprendizagem da LI para as crianças autistas.

2 O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA PELA PERSPECTIVA PIAGETIANA

Os estudos a respeito da aquisição da linguagem nos auxiliam na compreensão do que diz respeito à maneira em que uma criança vai passar de um estágio de desenvolvimento para outro, explanando suas características presentes em cada fase e as suas correspondentes modificações. Estudar este processo pode nos ajudar não somente a saber o que se passa em cada um desses estágios, mas também a

reconhecer a sua influência direta na educação. Com base nisso, se faz necessário compreender, também, como o desenvolvimento cognitivo funciona durante este processo de aquisição da linguagem. Sendo assim, cabe ressaltar aqui teorias que ajudaram a nos aproximar deste desempenho.

Quando falamos de desenvolvimento cognitivo, existem alguns pensadores que foram e são importantíssimos para a abordagem deste tema por terem contribuído para tal de forma significativa. Entre esses pensadores, estão dois psicólogos que, embora tenham teorias contrárias, buscaram analisar e contribuir para o mesmo assunto: o desenvolvimento cognitivo na infância. O primeiro deles é Jean Piaget, nascido em Neuchâtel, Suíça, no dia 9 de agosto de 1896, que sempre se destacou por sua inteligência desde criança, onde já evidenciava o profissional que se tornara. Piaget ingressou na universidade cedo e, aos 22 anos, já tinha recebido seu doutorado em Biologia. E, embora sua formação acadêmica tenha o tornado um biólogo extremamente exemplar na área, foi na psicologia que destinou o seu maior foco e dedicação e onde ele pôde analisar e desenvolver teorias que, mesmo desenvolvidas há muito tempo, têm sua importância até hoje.

Piaget, em sua teoria, cujo objetivo foi estudar a gênese dos processos mentais, descreveu a evolução do conhecimento como sendo um processo contínuo que se constrói a partir da interação do sujeito com o meio que está inserido. Ele analisou o crescimento mental da criança ao observar as fases do desenvolvimento cognitivo que aconteciam nela, afirmando que o indivíduo constrói esquemas de assimilação para compreender algo real. É afirmado por ele, ainda, que não existe, no indivíduo, implicações de ordem hereditária, ou seja, que já foram adquiridas anteriormente, uma vez que a consciência moral vai sendo desenvolvida com o meio social.

A curiosidade em compreender o desenvolvimento cognitivo nas crianças o fez realizar investigações nas quais o principal objetivo era analisar como o conhecimento era alcançado e entender como era feita essa transição de um conhecimento inferior para um conhecimento de um nível mais elevado. Através desses estudos, Piaget chegou à conclusão de que existem estágios no que diz respeito ao intelecto e afeto no ser humano que vão sendo construídos de acordo com a ação da criança e o meio no qual a mesma está inserida.

Nesta mesma perspectiva, Nunes e Silveira (2015) nos mostram que, de acordo com Piaget,

a criança apresenta momentos em seu desenvolvimento que se caracterizam por uma concentração em si, em seus próprios referenciais. Há uma ausência de reconhecimento das regras de convivência social. Depois que a criança evolui para um sentimento moral de obediência (envolta em temor e afeição), até construir formas de pensar e agir com base na autonomia, com um senso de reciprocidade em sua relação com os outros.

Nessa lógica de estágios de desenvolvimento, Piaget descreveu características cognitivo-afetivas assim como de socialização que são normalmente apresentadas pelas crianças em cada período de sua vida. Essas etapas são divididas em Sensorio Motor (0-2 anos), considerado o princípio da aprendizagem a respeito do mundo que rodeia a criança; Pré-Operatório (2-6 anos), onde surge a função simbólica e a linguagem oral; Operatório completo (6-11 anos), onde o pensamento vai sendo mais compatível com a lógica e existe diminuição do egocentrismo; e, por fim, o Operatório formal (a partir dos 11 anos), onde existe a construção da autonomia e um

pensamento hipotético-dedutivo. Essa teoria foi e é referência de Piaget quando se estuda desenvolvimento cognitivo na criança.

Para cada estágio, a criança desenvolve habilidades e pensamentos que vão sendo reorganizados na medida em que um novo conhecimento é adquirido. Quando isso acontece, existe uma ressignificação do que já é conhecido para compreender o que é novo. Se utilizarmos uma figura de linguagem como a ironia com uma criança que se encontra em uma fase de desenvolvimento cognitivo inicial, como até a do pré-operatório, por exemplo, provavelmente ela não compreenderá o sentido do enunciado. No entanto, ao utilizar esta mesma figura de linguagem nesta criança em sua fase do operatório formal, a criança poderá começar a compreender o sentido do que foi dito. Para tal, existe uma reorganização do pensamento que se tinha antes, quando o sentido literal era predominante, para uma compreensão de que o enunciado não se trata de uma verdade.

Durante este processo de desenvolvimento, a inteligência da criança vai sendo trabalhada e evoluída, considerando que esta surge antes mesmo da linguagem e do pensamento, como afirma Gomes [201-?]. Essa inteligência, no entanto, não aparece em um determinado momento do desenvolvimento mental da criança, mas na relação que existe entre o sujeito com o meio e na maneira em que isto influencia neste processo. É nesse processo que existe o que é denominado por Piaget de assimilação e acomodação. A assimilação está relacionada à ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento, podendo incorporar esse objeto a esquemas mentais já existentes no sujeito (NUNES; SILVEIRA, 2015). Já a acomodação é a forma que o indivíduo modifica os esquemas mentais já existentes para que novo conhecimento seja recebido.

Estes esquemas mentais resultarão, portanto, no desenvolvimento do indivíduo, existindo, ainda, durante esse processo de assimilação e acomodação, uma equilíbrio que ajudará o indivíduo a encontrar uma melhor e mais eficaz maneira de manter a interação da criança com o meio em que ela está inserida.

Assim como Piaget contribuiu para o desenvolvimento cognitivo trazendo teorias que estudam e analisam o comportamento humano, um outro teórico bastante influente para este tema por ter feito contribuições essenciais foi o psicólogo Lev Vygotsky. Embora sua teoria seja contrária a de Piaget, a finalidade de sua teoria é, também, estudar sobre o desenvolvimento cognitivo do indivíduo através de uma outra perspectiva.

3 O SOCIOINTERACIONISMO DE VYGOTSKY E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Assim como Piaget, Lev Vygotsky se destacou na área da psicologia por desenvolver teorias importantes que predominam e são foco de estudos até hoje. Lev Semenovitch Vygotsky nasceu no dia 17 de novembro de 1896, em Orsha, na Rússia. Desde muito novo, já era evidente a sua inteligência intelectual e, embora tenha estudado várias áreas da educação, foi na psicologia que, assim como Piaget, Vygotsky deixou o seu legado. Devido a sua morte precoce, aos 37 anos de idade, muitos dos seus trabalhos acadêmicos só foram descobertos após o seu falecimento, no entanto, têm sua devida importância até hoje.

Vygotsky, quando estava começando a pesquisar sobre o comportamento, baseou-se em duas abordagens da psicologia: a teoria behaviorista, que propunha analisar o comportamento humano de forma isolada; e a psicologia de Gestalt, que

dizia o contrário, mostrando que o indivíduo deve ser estudado em conjunto, levando em consideração a percepção do indivíduo. No entanto, ambas abordagens não foram suficientes para convencer Vygotsky, o que o estimulou a pesquisar e analisar fatores que, para ele, não estavam presentes em nenhuma outra teoria já estudada.

Sendo assim, Vygotsky propôs uma teoria sociocultural que aponta o papel da interação social no desenvolvimento cognitivo dos seres humanos, pois, para ele, “o estudo histórico do comportamento não é um aspecto auxiliar do estudo teórico, mas sim sua verdadeira base” (VYGOTSKY, 1998a, p. 86, *apud* FIGUEIREDO, 2019, p. 14). Com base nessa teoria, Vygotsky explica como o desenvolvimento cognitivo do sujeito pode estar relacionado ao contexto cultural, institucional e histórico em que ele está inserido.

Vygotsky não concordava com os métodos que investigavam a mente humana e o seu desenvolvimento tomando como base apenas uma análise realizada pelo próprio indivíduo. Para o psicólogo, só os fatores biológicos não são capazes de fazer com que uma criança possa se desenvolver cognitivamente ou mesmo adquirir uma nova língua, como afirmava Piaget. Desta maneira, para ele, a interação social é fundamental pois, é através dessas interações dos adultos com as crianças que a língua vai ser utilizada como guia para o processo de aquisição da linguagem.

Ao afirmar que o desenvolvimento cognitivo de um sujeito está relacionado ao contexto cultural em que o indivíduo está inserido, Vygotsky analisa o comportamento numa condição de desenvolvimento elementar, mostrando que para que um sujeito possa evoluir de um estágio menos complexo para um mais elevado, esse desenvolvimento não acontece numa conexão mecânica, pois existe uma mudança interna dos processos naturais. E, como Nunes e Silveira (2015, p. 51) afirmam:

Isto não é algo fornecido biologicamente ou pelo meio, é fruto da atividade da espécie humana diante das oportunidades oferecidas pelo contexto histórico e cultural do qual faz parte, e que, ao mesmo tempo, por ela é reconstruído.

Desta forma, a ideia do sociocultural vai ter o seu foco na maneira em que a participação em atividades culturais influencia no desenvolvimento dos indivíduos. Sendo assim, nessa perspectiva, Vygotsky explica a importância da interação da criança com os adultos, considerando este processo um instrumento comunicativo que servirá de orientação, concebido através do uso da língua, para uma organização psicológica da criança. E, com isso, Vygotsky discute sua concepção do desenvolvimento cognitivo, pontuando que os fatores biológicos, como proposto por Piaget, não são suficientes para fazer com que uma criança consiga aprender uma segunda língua, por exemplo, tal como se desenvolver cognitivamente. Embora teorias contrárias, ambas foram importantes para a compreensão do processo da aquisição da linguagem e contribuíram significativamente para tal.

4 O PROCESSO DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: TEORIAS DE VYGOTSKY E PIAGET

Ao analisar o processo ideal de aprendizagem de uma segunda língua, as características da teoria sociointeracionista de Vygotsky tal como da teoria de Piaget denominada Epistemologia genética mostram-se bastante influentes. Embora tratem-se de teorias opostas, ambas retratam o processo de aprendizagem de forma eficaz e fazem contribuições necessárias e importantes que ajudam a facilitar a compreensão do assunto e entender como se processa a aquisição de uma segunda

língua. Além do mais, os autores contribuem para este processo trazendo abordagens facilitadoras para àqueles que educam tal como para àqueles que estão em processo de aprendizagem.

De acordo com as teorias analisadas até aqui, foi possível compreender que no processo de aquisição da linguagem, a interação do indivíduo com o meio em que está inserido é fundamental em qualquer área do conhecimento. Quando se refere ao processo de aprendizagem de uma segunda língua, por exemplo, essa interação ou troca de experiências vai ser essencial para que haja uma melhor compreensão. Lakomy (2008, p. 17) explica que,

Por meio dessas interações, a criança vai construindo, gradativamente, significados para as suas ações, suas experiências e objetos ao seu redor. Essa construção de significados pressupõe a identificação de características, propriedades e finalidades para suas ações e experiências com fatos e objetos.

Considerando esse entendimento à ideia de Vygotsky e a chamada fala egocêntrica, diversos estudos comparativos foram realizados a fim de analisar o processo de aprendizagem procurando a presença da fala egocêntrica, que pode ser entendida como um tipo de fala que a criança utiliza para conversar consigo mesma, sem interesse de comunicar-se ou sem esperar algum retorno de alguém; muito considerado, também, uma espécie de 'pensamento alto'. Sendo assim,

a criança usa a fala não somente para propósitos comunicativos, mas também para planejar, guiar e monitorar o próprio comportamento de forma autorreguladora por meio do uso da fala privada ou do interior." (DIAZ et al., 1992; PELLEGRINI, 1981 *apud* FIGUEIREDO, 2019, p.25).

Este processo de aprendizagem, de acordo com as ideias de Vygotsky, é um momento de apropriação de conhecimentos, habilidades, signos e valores e se faz necessário esta participação ativa do aluno. Este processo, segundo o autor, pode ocorrer de duas maneiras: espontânea e/ou científica. Nunes e Silveira (2015) destacaram estes dois conceitos a fim de ressaltar a interdependência deles e expor as relações existentes durante esse processo. No que diz respeito ao conceito de espontâneo, trata-se do que é aprendido no contexto do dia a dia da criança, como saber diferenciar seus parentes e saber as funções dos objetos de sua casa. Já o científico está ligado a conhecimentos obtidos por meio de ensino, como conceitos adquiridos nas aulas de língua inglesa, por exemplo. É válido mencionar que estes conhecimentos adquiridos espontaneamente serão utilizados, mesmo sem perceber, nas atividades científicas nas quais será necessário recorrer a conhecimentos prévios para que esta nova informação seja absorvida.

Diante disso, podemos considerar e correlacionar, também, tais conceitos às características do sociointeracionismo para a aplicação do desenvolvimento do aluno em sala de aula. Figueiredo (2019), baseado na teoria de Vygotsky, pontua a importância da interação em sala de aula, destacando que o aprendiz é um participante ativo na construção do conhecimento, uma vez que "a interação tem tanto o potencial de fazer com que os aprendizes aprendam a língua quanto a usarem de forma a aprender mais." (p.61). Sendo assim, a interação em sala de aula pode proporcionar aos alunos oportunidades de recepção de *input* e produção de *output* e, conseqüentemente, os alunos poderão além de produzir, testar hipóteses e refletir sobre a língua, seja através do conceito de espontaneidade ou não.

Dentro desse processo de aprendizagem, existe, ainda, uma abordagem que, por influência de Piaget e Vygotsky, foi desenvolvida por estudiosos que ficou conhecida como construtivismo. Nesta abordagem, o processo de ensino /aprendizagem é interpretado como um caráter ativo, sendo necessária a construção pessoal e ativa do aprendiz para que o conhecimento seja alcançado. Vai se tornando explícito, seja na teoria de Vygotsky ou de Piaget, a importância da participação ativa do aluno para que o seu processo de aprendizagem ocorra de uma maneira eficaz para ele, como já evidenciado até então.

Nesta abordagem ativa de aprendizagem, Piaget (2000), referenciado por Nunes e Silveira (2015), critica metodologias de ensino nas quais o papel do professor é expor o conteúdo, e que visa apenas a transmissão e repetição. Para ele, se faz necessário que o professor utilize ferramentas/atividades que motivem e estimulem o pensamento crítico dos alunos, fazendo-os refletirem sobre o que está sendo aprendido. Além do mais, o professor deve, ainda, estar ciente das características do desenvolvimento da inteligência do aluno. Acrescentado a isso, Nunes e Silveira (2015, p.48) afirmam que, para Piaget, “a inteligência é construída, sendo necessário considerá-la em seus aspectos qualitativos”.

Portanto, o processo de aprendizagem nesta perspectiva ocorre de forma que o aluno vivencie o que é aprendido em sala de aula fora do contexto escolar, tendo em vista que somos levados constantemente a resolver problemas que nos exigem pensar, por muitas vezes, criticamente. Para tal, não se deve manter um padrão de ensino caracterizado pelo autoritarismo do professor e sua metodologia de ensino que pouco valorizava o aluno, assim como existiu por muitos anos como forma predominante de ensino, mas guiar os aprendizes e capacitá-los a se tornarem autônomos, desmitificando o conceito de reproduzir e repetir o que era enunciado pelo professor.

5 O AUTISMO

É comum, quando se fala em autismo, que muitos compartilhem de uma mesma imagem: uma criança isolada de tudo e todos. Muitas ideias e termos utilizados por estas pessoas as distanciam ainda mais de uma realidade pouco conhecida de uma criança autista. A utilização de expressões pejorativas para descrever estas realidades ainda se faz bastante presente, mesmo com todo o avanço e conhecimento fornecido a todo momento nos dias atuais. Considerando isso, é fundamental que se tenha um aprofundamento do tema, mesmo que não por extenso, mas o necessário para uma melhor compreensão sobre o TEA e os vários contextos em que o mesmo pode estar inserido.

Com base no que a Secretaria da Saúde do Estado do Paraná nos traz a respeito do TEA, tem-se definido o autismo como

um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereótipos, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.¹

¹ Trecho retirado do próprio site.

<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autismo->

Esta definição remete às características que são imprescindíveis compreendê-las ao estudarmos sobre o autismo por se tratar de traços comuns na maioria dos autistas. Convém destacar, ainda, que o autismo não diz respeito à doença, mas sim a uma forma de ser e viver. Sendo assim, é essencial mencionar como estes aspectos podem aparecer dentro desta realidade e como podemos lidar com eles.

Muitas destas particularidades são citadas na obra de Silva, Gaioto e Reveles, *Mundo singular – entenda o autismo* (2012). Nesse livro, os autores trazem definições e relatos que descrevem a realidade de quem é autista, possibilitando ao leitor conhecer experiências distintas e, com isso, ter novas concepções a respeito do TEA. Ao contextualizar tais características, por exemplo, os autores citam que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos autistas é a socialização. Desde pequenos, compreendemos que é através da interação social que podemos aprender, fazer amizades e nos relacionarmos melhor uns com os outros. No entanto, quando esta área é prejudicada devido a uma condição do neurodesenvolvimento, compreendemos, também, que consequências existirão, podendo afetar até mesmo o processo natural de aprendizagem de um ser humano.

Como discutido por Silva, Gaioto e Reveles (2012), o contato social para aqueles diagnosticados com TEA é prejudicado. Contudo, é importante que saibamos, também, que isso não ocorre por falta de interesse, mas, como mostrado pelos autores, pelo fato deles não saberem e não terem aprendido a arte de interagir e manter vínculos. Com base nisso, é possível compreender o motivo de vermos, na maioria das vezes, crianças autistas brincando sozinhas ou preferindo realizar tarefas que não se faz necessário a ajuda do outro. Ao optarem por isso, não existe, para estas crianças, nenhum tipo de ameaça ou intimidação, as deixando, portanto, em suas zonas de conforto e entretidas em suas imaginações.

Além desta dificuldade de estabelecer e manter relações com outras pessoas, um outro fator que pode ser afetado nas crianças com TEA é a comunicação. Whitman (2015) classifica características frequentes nessas crianças no que diz respeito aos prejuízos da comunicação. Ele afirma que é comum que se tenha atraso ou até mesmo a falta do desenvolvimento da fala (seja ela verbal ou não verbal), que afeta, conseqüentemente, dificuldades em iniciar ou manter uma conversa. Por muitas vezes, se faz presente, também, quando a comunicação acontece, respostas curtas e/ou repetidas. É incomum, para elas, sentirem confiança necessária para formular perguntas ou respostas complexas e extensas. Ou seja, é cômodo, para elas, evitarem se comunicar com alguém, pois, ao fazê-lo, sentimentos que as desagradam e as deixam desconfortáveis são despertados.

Devido a este prejuízo comunicacional, é possível exemplificar tal como compreender quando um diálogo entre um adulto (embora aconteça com crianças também) e um autista não consegue fluir de forma espontânea e com demonstração de emoção. Para eles, só é interessante falar de coisas que lhe agradam. Sendo assim, perguntas de rotinas ou aleatórias, por exemplo, possuem grande probabilidade de não obterem respostas e, caso receba, tais respostas poderão ser curtas e diretas, sem muito espaço para uma conversa mais ampla. Vale salientar, também, que este tipo de resposta é dado, na maioria das vezes, devido à incompreensão da pergunta tal como a intenção de quem a questionou, sendo este um dos motivos de preferirem evitar estender uma conversa.

Algumas destas características citadas acima, tal como diversas outras que podem surgir no autismo, são identificadas nas crianças em diferentes aspectos. Isto ocorre devido aos graus de comprometimento que existe em cada indivíduo. Esta

classificação é descrita e exemplificada pelo Ministério da Educação, através do site do IFPB (2020) e ocorre em 3 tipos: I) Nível 1, caracterizado pela autonomia dos autistas, cumprimento de rotinas, pouco impacto na comunicação e dificuldade nas interações sociais; II) Nível 2, onde o apoio e ajuda deve acontecer com mais frequência, existe uma maior dificuldade na comunicação e, por consequência, crises de estresse e frustração tornam-se mais frequentes; e, por fim, III) Nível 3, os autistas, nesta fase, apresentam características mais comprometedoras e limitadas, apresentam sinais de isolamento mais forte, interesse restritos e possuem uma dependência ainda maior.

Estes diferentes níveis existentes no autismo, tal como as características citadas anteriormente que podem estar presentes em cada um deles, nos possibilita conhecer, mesmo que aqui de forma breve, uma realidade bastante comum no nosso dia a dia. Além da importância de entender o significado e conhecer suas principais características, é fundamental que saibamos as mais diversas possibilidades para a vida de um autista. É essencial que compreendamos que o tratamento precoce trará consequências positivas para eles. E, indubitavelmente, é extremamente importante sabermos da capacidade que uma criança autista possui, para que assim possamos desmistificar a imagem errônea que se tem sobre o assunto e, como consequência, torná-los ainda mais incluídos em todas as áreas.

5.1 O HIPERFOCO NO AUTISMO

É comum, para muitos autistas, que eles mantenham a atenção em algo por horas quando se trata de um assunto que eles apreciam e/ou se identificam. Se a criança gosta de música, por exemplo, é muito provável que nela a criança encontre o seu refúgio, a tornando o seu maior interesse. Quando este interesse se torna muito maior em comparação a outras áreas, há uma grande probabilidade de ali se encontrar o seu hiperfoco. Como definido pela neuropediatra especialista em TEA, Kerches (2019), o hiperfoco é uma “forma intensa de concentração em um mesmo assunto”.² Ao exemplificar o interesse na música, como citado acima, o hiperfoco neste assunto fará com que provavelmente esta criança conheça até os mínimos detalhes de um instrumento ou da melodia, por exemplo. Kerches (2019) enfatiza, ainda, que quando essa hiper concentração é identificada em uma criança por um assunto benéfico e for trabalhado de forma correta, ela é vista como um aspecto positivo.

Kerches, ao afirmar que o hiperfoco no autismo possui aspectos positivos, consequentemente nos leva a entender que pode existir consequências negativas naqueles cuja hiper concentração não seja voltada a assuntos que beneficiem as crianças, seja no âmbito educacional ou não. Se uma criança tem um hiperfoco em um assunto que a impede de evoluir e se desenvolver adequadamente, isso pode trazer, sem dúvidas, prejuízos futuros. No entanto, o objetivo central deste trabalho é compreender o hiperfoco não somente em aspectos gerais, mas principalmente no quesito educação ou, mais especificamente, esta hiper concentração na aprendizagem de línguas estrangeiras. Sendo assim, faz-se essencial entendermos não somente do que se trata o hiperfoco no autismo, mas de que maneira as línguas estrangeiras são vistas e podem ser aprendidas por estas crianças.

Sendo assim, retomando e considerando a definição do termo hiperfoco concebido pela neuropediatra Kerches, é válido destacar, também, qual a relação que

² Trecho retirado do blog da autora.

<https://dradeborahkerches.com.br/hiperfoco-no-autismo/>

isso pode ter para o aperfeiçoamento ou aquisição de novos aprendizados. Nesta perspectiva, Kerches (2019) nos afirma que

o cérebro incorpora novos aprendizados através de redes neuronais de preferência que vão se firmando através de experiências vividas como significado e/ou repetidas; a estratégia deve ser então no sentido de agregar a estas redes formadoras através do hiperfoco, novas informações, ampliando o interesse e o conhecimento da criança. Isso deve ser feito através de atividades interessantes, motivantes e reforçadoras.

Com base nisso, pode-se afirmar que uma criança com TEA, cuja hiperconcentração encontra-se em línguas estrangeiras, por exemplo, poderá ter facilidade em adquiri-la. E, se neste processo houver estímulo, incentivo e suporte suficiente, é muito provável que esta criança conseguirá aprendê-la mais rápido. Isso nos possibilita mostrar, portanto, que a aquisição de uma língua estrangeira, diferentemente do que é acreditado por muitos, é um processo possível para crianças autistas e que, inclusive, pode até ser um processo mais fácil do que para os demais.

5.2 O AUTISMO E O HIPERFOCO EM INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.

O processo de adquirir uma língua, seja ela materna ou estrangeira – foco de discussão deste trabalho – é complexo por envolver diversos fatores, tais como os cognitivos e socioculturais. O portal de notícias da Globo, O G1, disponibilizou, no ano de 2019, uma matéria retratando a história de uma criança diagnosticada com autismo de último grau. O diagnóstico surgiu após os pais da criança perceberem o atraso na fala do filho que, aos 2 anos, não falava nada.

Seguindo conselhos médicos, os pais disponibilizaram para o garoto um *tablet* que, segundo os especialistas, iria ajudá-lo a se desenvolver melhor. A utilização do *tablet* fez com que o garoto passasse muito tempo assistindo vídeos que, na maioria das vezes, eram em inglês. O espanto para os pais veio quando durante a sessão com a fonoaudióloga a criança que pouco falava começou a falar palavras e frases em inglês. Pouco tempo depois, o menino estava se comunicando fluentemente em inglês sem ao menos ter feito aula antes ou morado fora do país.

Este exemplo nos permite perceber que o fato de um autista, cuja hiperconcentração encontra-se em línguas estrangeiras, pode tornar o processo de aquisição de uma língua muito mais simples do que normalmente é, ou até mesmo ocorrer de forma espontânea, como aconteceu com o garoto exemplificado acima. Este menino, poucos anos depois, já tinha aprendido mais cinco idiomas além do inglês e já estava em processo de aprendizagem de um novo. Vale salientar que o uso de eletrônicos foi restrito apenas a duas horas por dia, cuja atitude foi tomada pelo pai. Embora esta atitude possa ser questionável para muitos, já que era um meio utilizado para aprender, entendemos que a conduta do pai foi extremamente inteligente e benéfica para o filho.

Apesar da hiperconcentração nesta criança ter sido relacionada a um assunto que a ajudou a desenvolver habilidades linguísticas, como já dito anteriormente, é importante lembrarmos que o hiperfoco não é a única característica apresentada no autismo. Ou seja, outras áreas de desenvolvimento podem apresentar aspectos que afetem o desenvolvimento da criança e, por isso, mesmo que a criança apresente uma hiperconcentração em um assunto que a ajude, é necessário olhar e tratar essas

outras áreas para que a criança possa se desenvolver no geral e não apenas onde tem o seu maior interesse e foco.

6 APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DA CRIANÇA AUTISTA

Cada vez mais nota-se a necessidade de aprender o inglês e a sua importância nos dias atuais. Essa conscientização vem sendo trabalhada, nos últimos tempos, desde cedo com as crianças, seja isto feito por parte da família ou mesmo pela escola. Fazer esses alunos entenderem que aprender uma língua estrangeira em um mundo globalizado que estamos vivendo, pode, até mesmo, facilitar o processo de aprendizagem desta língua, uma vez que essa percepção pode despertar um interesse maior em aprendê-la.

Vale salientar, no entanto, que mesmo quando não existe essa visão a respeito da importância da LI, a maneira como este processo de aprendizagem é realizado pode desmistificar o conceito que se predominou por muito tempo, no qual os alunos enxergavam o inglês como uma disciplina desnecessária para suas vidas, visto que o mesmo não possuía relação alguma com sua vida real tal como na sua prática cotidiana.

Este tipo de pensamento vem sendo transfigurado devido às diversas formas metodológicas que estão sendo postas em prática dentro do contexto da aula de LI. Muitos professores/instituições têm considerado o interesse dos alunos para as aulas não somente ao trazer conteúdos que os agradam, mas desfigurando a forma como tais temas são abordados. As influências de teorias já aqui mencionadas que visam a participação ativa dos alunos estão abrangendo cada vez mais a concepção de uma aula ideal de língua estrangeira.

Nessa perspectiva de ensino, a utilização de jogos, vídeos e músicas, por exemplo, poderão fazer o aluno se sentir mais atraído pela LI e pela aula, considerando que são coisas que já fazem parte do seu dia a dia. Nas palavras de Figueiredo (2019, p. 76), “por meio do uso dos jogos, os aprendizes poderão refletir sobre a língua que estão aprendendo, bem como trabalhar vários aspectos da língua em questão, tais como gramática, vocabulário, sintaxe, etc.” Tais atividades quando realizadas numa abordagem baseada em tarefas, podem fazer com que os aprendizes interajam uns com os outros e expressem suas ideias, fazendo um esforço, inclusive, para comunicar-se; esforço este que desenvolverá a competência comunicativa nas crianças através de diversas funções discursivas.

Podemos perceber, desta maneira, que quando existe uma facilitação para este processo de aquisição de uma língua para uma criança, a probabilidade de esta adquirir os conteúdos ministrados de forma mais eficaz torna-se maior do que aquela seguido a um modelo tradicional de ensino. Quando se trata de uma criança com autismo, estes critérios metodológicos devem ser ainda mais utilizados nas aulas de LI, ainda que esta criança autista tenha hiperfoco em línguas estrangeiras e tenha facilidade em aprendê-las.

E, como já discutido, sabemos que a criança autista possui suas particularidades e singularidades que devem ser levadas em consideração em um planejamento de aula tal como na preparação dos materiais didáticos. É extremamente importante que se considere, além disso, a necessidade da mediação pedagógica nesse processo. A relação que deve existir entre o professor e o seu aluno autista permitirá conhecê-lo o suficiente para saber determinar as atividades e práticas

educativas que irão favorecer o seu aluno a desenvolver suas habilidades linguísticas de forma mais eficaz.

Chiote (2019, p.49) ao mencionar o papel do professor durante esse processo de intermediação, enfatiza que “o professor precisa perceber-se como o outro da mediação pedagógica, que privilegia as potencialidades da criança com Autismo, de forma que se possibilite uma vivência significativa da linguagem”. Menciona-se, ainda, que esta mediação pode ajudar essas crianças a se tornarem autônomas, as possibilitando de realizar atividades sozinhas que anteriormente necessitavam de ajuda para cumpri-las. Ou seja, é essencial que exista uma capacitação do professor para que a realização desses objetivos seja alcançada satisfatoriamente.

Este processo de ensino, ainda mais quando se trata de LI, no geral, não é sempre um caminho fácil por envolver diversos fatores que muitas vezes são externos ao idioma. Quando direcionamos essas aulas para crianças autistas, pode existir um desafio ainda maior. Uma criança com TEA, ainda que sua hiperconcentração seja no inglês, necessita, impreterivelmente, de todo um suporte para que este hiperfoco seja trabalhado corretamente e, conseqüentemente, a aquisição desta língua flua.

Com base nisso, Nunes e Silveira (2015, p.54) pontuam que

a intervenção do outro vai requerer estratégias diversas, como lançar perguntas, apresentar modelos e pistas, que favoreçam o desenvolvimento do pensamento, da atenção voluntária, da memória mediada e da atividade reflexiva.

Ou seja, é um trabalho que, para que se obtenha resultados significativos, precisa que seja realizado em conjunto e ambas as partes estejam conectadas para o mesmo objetivo.

Compreende-se, contudo, que este processo não é uma tarefa simples por diversos fatores, como as limitações que as crianças autistas podem apresentar. Daí percebe-se, então, a importância de uma preparação profissional que capacite o professor de tal forma que o faça entender detalhadamente, preferencialmente, sobre o TEA. Além disso, é essencial, como já mencionado, que o professor esteja ciente destas limitações do seu aluno para que, baseado nisso, possa elaborar aulas e atividades que sejam apropriadas para o mesmo.

7 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal apresentar o processo de aquisição do inglês para crianças autistas com hiperfoco em línguas estrangeiras. Tinha-se como objetivo, também, analisar as principais características do TEA e como a hiperconcentração no TEA pode servir como um aspecto facilitador na hora da aprendizagem. Além disso, foi fundamental apontar como o desenvolvimento da mente de crianças processa enquanto se aprende. Deve-se lembrar, ainda, que se tinha como intenção deste trabalho aproximar o leitor a uma realidade bastante presente nos dias atuais, mas ainda pouco comentada em comparação a sua importância.

Com isso, foi possível concluir que o avanço da medicina tal como da psicologia trouxe e traz diversas maneiras facilitadoras de trabalhar de forma eficiente com crianças que se encontram dentro desse contexto. Cada vez mais é possível perceber a potencialidade que sempre existiu nas crianças autistas, mas que no momento

presente, existem muito mais recursos para isso. Encontrar pais que acreditassem que um filho autista poderia aprender uma língua estrangeira era quase impossível. Foi graças a esses avanços que hoje podemos presenciar diferentes realidades das quais mostram crianças autistas que se comunicam em inglês, como foi exemplificado neste artigo.

A abordagem deste tema neste artigo significa expandi-lo de forma que alcance pessoas que necessitam compreender que não é sobre somente reconhecer que o autismo diz respeito a um transtorno do neurodesenvolvimento, mas saber das possibilidades que estão presentes nessa realidade. É sobre saber enxergar que esta criança autista é capaz de aprender um outro idioma e entender que este processo necessita ser tratado e acompanhado profissionalmente, mas que é uma possibilidade real.

Diante disso, conclui-se, portanto, que as teorias aqui apresentadas de Piaget e Vygotsky que, embora divergentes, por tratarem do mesmo tema, são imprescindíveis para o processo de ensino destes alunos por retratarem e estimularem principalmente a participação ativa destes neste processo. Além do mais, vê-se a necessidade que exista durante todo esse processo, a mediação de profissionais qualificados com o aluno autista para que o seu desenvolvimento possa ocorrer e a aquisição da LI possa fluir de forma eficiente, além da importância de recursos específicos para estimularem sua aprendizagem.

Concluo, ainda, mostrando que a criança autista tem, diferentemente do que se é acreditado por muitos, capacidade de aprender a língua inglesa. E, quando existe uma hiperconcentração neste idioma, a criança aprenderá com facilidade, devendo existir, nesse processo, uma mediação com profissionais qualificados com função facilitadora da aquisição da língua para esta criança. E, por fim, enfatizo de compreendermos sobre a importância de incluir estas crianças ainda mais no ambiente escolar e utilizar ferramentas que estão à nossa disposição para aprender e espalhar este assunto e, conseqüentemente, alcançar mais pessoas que se encontram nessa realidade, além de conscientizar aqueles que não conhecem.

REFERÊNCIAS

- CHIOTE, Fernanda. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil – trabalhando a mediação pedagógica**. 3 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2019.
- FIGUEIREDO, Francisco. **Vygotsky – a interação no ensino/aprendizagem de línguas**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- FRAZÃO, Dilva. Biografia de Lev Vygotsky. **E-biografia**, 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lev_vygotsky/. Acesso em: 10 de maio de 2022.
- JEAN Piaget biography. **Biograph**, 2014. Disponível em: <https://www.biography.com/scientist/jean-piaget>. Acesso em: 12 de maio de 2022.
- GOMES, Ruth. **O desenvolvimento cognitivo na visão de Jean Piaget e suas implicações na educação científica**. [s.l.], p. (1-10), [s.d].
- KERCHES, Deborah. Hiperfoco no autismo. **Déborah Kerches – neuropediatria**, 2019. Disponível em: <https://dradeborahkerches.com.br/hiperfoco-no-autismo/>. Acesso em: 15 de março de 2022.
- LAKOMY, Ana. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 2 ed. Curitiba: IBPEX, 2008.
- MEU filho tinha dificuldade para falar, mas aos 7 anos já aprendeu nove idiomas, diz mãe de garoto com autismo. **G1 – educação**. [s.l.], 08 de julho de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/07/08/meu-filho-tinha-dificuldade->

para-falar-mas-aos-7-anos-ja-aprendeu-nove-idiomas-diz-mae-de-garoto-com-autismo.ghtml. Acesso em: 25 de março de 2022.

NÍVEIS do transtorno do espectro autista. **IFPB – Ministério da educação**, 2020. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/assuntos/fique-por-dentro/niveis-do-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 16 de março de 2022.

NUNES, Ana; SILVEIRA, Rosemary. **Psicologia da aprendizagem**. 3 ed. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SILVA, Ana; GAIATO, Mayra; REVELES, Leandro. **Mundo singular – entenda o autismo**. 1 ed. Fontanar, 2012.

TRANSTORNO do espectro autismo (TEA). **Paraná – governo do estado**. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autismo-TEA/>. Acesso em: 17 de março de 2022.

WHITMAN, Thomas. **O desenvolvimento do autismo** – social, cognitivo, linguístico, sensório-motor e perspectivas biológicas. M books: São Paulo, 2015.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me ajudado e guiado até aqui. Sem ele, não seria possível.

Aos meus pais, Ivanilda e Moisés, por todo suporte e dedicação durante todo este período.

Ao meu namorado, Harrison, que esteve ao meu lado me apoiando e ajudando durante este processo.

As minhas amigas, Aline, Mariana, Rebeca e Pamylla, que sempre me deram o suporte necessário nos momentos difíceis e se alegraram nas minhas conquistas.

A Talita, com quem dividi todos os momentos deste curso desde o início. Sua amizade foi indispensável para tornar essa jornada mais leve.

A minha orientadora, Daniela Nóbrega, pelos ensinamentos, disposição, compreensão e disponibilidade desde o início. Seu auxílio e companheirismo foram essenciais para a realização deste trabalho. Suas palavras de sabedoria estarão sempre em minha memória.

A Jéssica, pelas disciplinas ministradas nas quais tive o prazer de ser aluna. Sua calma e leveza tornaram suas aulas ainda melhores.

A Karyne, que em apenas uma disciplina que a tive como professora, me ajudou a crescer. Suas aulas e ensinamentos ficarão comigo, mesmo quando o esquecimento fizer seu trabalho.

À querida e eterna professora Marta por todas as aulas que tive a honra de presenciar. Estará em minha memória para sempre.

A Marília, que tanto me ensinou. Suas aulas sempre foram cativantes. Ao professor Thiago, que muito me ajudou a apreciar a Literatura e por todas as outras disciplinas em que fui sua aluna.

A todos os professores que tive a honra de ser aluna e me ajudaram a evoluir. E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram e fizeram parte da minha formação, sou grata.